

Dona Maria, uma mulher negra, trajando panos coloridos com os quais envolvia o seu corpo franzino e martirizado pelos dez partos, tinha por hábito, quase de madrugada, ainda o sol se fazia sentir de forma ténue, sair e regressar a casa carregando uma cesta cheia de boas e saborosas coisas para alimentar a sua imensa família. Apesar de se ter juntado com um homem branco, pai dos seus rebentos, continuava a guardar a sua feminilidade africana debaixo daquele trajar, fazendo lembrar uma daquelas figuras que o oleiro molda na sua roda, dando-lhe forma e cor. Da cabeça aos pés, havia a harmonia das cores da blusa e do pano envolvente, geralmente multicolor, conferindo à sua imagem um aspecto invejável e emanando circularidade, movimento.

Há pouco que ficara viúva. Guardado o tempo de luto necessário, tinha a urgência a bater-lhe à porta, já que, repentinamente, se vira sozinha com cinco rapazes e cinco raparigas para alimentar e amar — «Que prole! Tantas canseiras! Tantos sustos! Tantos medos! Que farei eu tão só neste mundo ingrato?!»





Foi com este cogitar que, depois de se ter vestido, completamente com cores pretas, bem pretas, se dirigiu à cidade dos imbondeiros, confiando as crianças mais novas aos cuidados das mais velhas.

Aquela dita cidade ficava situada na agreste savana africana, nos arredores de Luanda, porém esta sábia mulher pressentia que só lá encontraria respostas para algumas das suas inquietações. Muito antes de chegar ao lugar desejado, a linha do horizonte começou por lhe surgir como sendo uma massa informe, incolor e terrífica.

À medida que se ia aproximando, a cidade impunha-se com os seus troncos enormes, bem enterados na terra quente e vermelha, com os ramos alongados e voltados para o céu e as mukuas, seus filhos, que pendiam em direcção contrária. Miragem quase dos infernos! Mas Dona Maria reagiu a esta visão, estacando num dos limites da cidade, não dando qualquer sinal de fraqueza, porque irrompeu pelos caminhos que ladeavam cada um destes troncos, exageradamente grossos. Em seguida, caminhou em terra batida pelos pés dos seculares romeiros, estes que sempre vieram, que sempre vêm de longe, lá de longe, lá dos matos, lá das picadas... à procura de um abrigo, de um abraço